

fariinha, p'r'a fazêer buliinhas p'r'áas s'ás m'niinas. Fôï no ôotre diia: — Q'êe do mê saacc' de fariinha? — Do saac' de farinha fiiz buli-nhes p'r'áas m'nhás m'niinas. — Agóora fuurte-l' 'má m'niina. Fôï â cáasa d'uum viiulêere: — O' sôo viiulêer', aquiï teim êesta m'niina, q'êe p'r' aprêndêer a tocáari viiôola. No ôtro diia fôï â buscáar a m'ni-na: — A s'â m'niina morrée de tocáari viiôola. Entâ fuurte-l' 'má viiôo-la. E furtôo-l' 'má viiôola. Fôï p'r'âa ciima d'uum tiilháado, e pôis-s' a tocáari e a cantáari:

Ê do ráabo
fiiz naváalha,
da naváalha
fiiz tegéela,
da tegéela
fiiz bréengéela,
da bréengéela
fiiz burriinha,

da burriinha
fiiz fariinha,
da fariinha
fiiz m'niina,
da m'niina
fiiz viiôola...
Tum, tum, tum,
Que m' vôo embóora. ¹

(Recolhido em Villa-Boim, concelho d'Elvas).

A. THOMAZ PIRES.

A ETYMOLOGIA POPULAR

E' tão interessante para a etymologia em geral, para a psychologia e a historia da linguagem o processo da etymologia popular que estou certo que as contribuições recentes dos snrs. J. Leite de Vasconcellos e Julio Moreira ² nesse dominio foram recebidas com agradecimento por todos os investigadores a cujo conhecimento chegaram.

Depois que me occuppe d'esse assumpto nas *Questões da lingua portugueza* (Porto, 1874), pag. 109 e segg., reuni alguns outros exemplos, parte dos quaes foram achados tambem pelos referidos philologos, o que prova a sua generalidade, tão digna de notar-se. Esses exemplos communs são: *Migalhada* por *Mealhada*, *mão refinada* por *mão de finado*, *tres-só* por *treçó*, *Santanaz* por *Satanaz*, *Fonte da Ourina* por *Fonte Tourina*, *Leonardo perpetuo* por *Lunario perpetuo*. *Vagamundo* por *vagabundo*, reproduzido pelo snr. Julio Moreira, tinha

¹ O anexam: — «A raposa anda toda a semana a dar, e tira tudo ao domingo», terá relação com este conto popular?

² Na *Miscellanea de Filologia, dedicata alla memoria dei Professori Caix e Canello*, pag. 263-269 e na *Revista Lusitana*, I, pag. 56-59.

já sido dado por mim, — *Questões*, pag. 119. *Sanchristão* por *sacristão*, reproduzido pelo snr. Leite de Vasconcellos, já tinha sido dado pela snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos *Studien zur rom. Wört-schöpfung*, pag. 104.

Vou dar agora alguns exemplos que creio novos.

a) *Palavras substituídas por outras da lingua em virtude apenas de similitude phonetica.*

Ulysses por *Luce*, nome d'uma embarcação. Ouvido no Porto. O nome de Ulysses foi vulgarizado pelos versos saídos da escola bocagiana: «Ulysses era sapateiro» etc., de que me affirmaram ter sido auctor, em parte pelo menos, Ricardo José Fortuna, o ultimo dos bocagianos, que ainda por 1860 redigia versos para os cartazes das touradas em Lisboa, e foi o auctor das *Astucias de Zanguizarra*.

Mastro da Garva por *Vasco da Gama*. Ouvido no Porto. Prova quão pouco são conhecidos do povo os heroes nacionaes. A' primeira vista a troca é extraordinaria; mas confrontem-se da fôrma seguinte os nomes e ver-se-ha que não o é:

Mas-tro da Ga-va
Vas-co da Ga-ma

Ha duas trocas de sons proximos labiaes *m* e *r* e de *k* e *t* (masto, mastro), trocas sem duvida não normaes na lingua; o momento psychologico, porém, como em toda a etymologia popular, prepondera aqui sobre o phonetico. Talvez este exemplo pertença já um pouco á classe c).

Rua de Pedro-Sino por *Rua do Patrocínio*. Ouvido em Lisboa.

Tintura d'odio por *tintura d'iodo*. Ouvido em Lisboa, etc.

Agua d'objecto por *agua de vegetal*. Vulgar.

Escapulas por *capsulas*. Não raro.

Picacoelho por *ipecacuanha*. Ouvido em Lisboa.

Cartilha por *carretilha* (de *carreta*, der. de *carro*), instrumento com uma roda serreada que serve para cortar massas doces, etc.: confundido com *cartilha*, der. de *carta*. Fôrma fixada na lingua.

Cifrão por *syphão*. Muito vulgar em Lisboa.

Sellim por *cylindro*. Ouvido em Lisboa.

Belverde por *belvêr*, com influencia de *verde*.

Valverde por *belvêr*, com influencia de *valle* e *verde*.

b) *Alteração parcial d'uma palavra por influencia d'outra sem interpretação de sentido.*

Distrilítro por *districto*, com influencia de *litro*. Ouvido a um ca-traeiro de Setubal.

Emboticar por *hypothecar*, com influencia do adv. prefixo *em* e de *botica*. Vulgar na Extremadura. Tambem se diz *embatocar* por *hypothecar*.

Malmesquerque por *Albuquerque*, com influencia de *malmesquer*. Ou-vido em Lisboa.

Rodrigão, hesp. *rodrigon*, do lat. *ridica*, com influencia do nome *Rodrigo*, como já Diez notara E. W. II ³, 174.

c) *Palavras substituídas por outras em virtude de similitude phonetica com interpretação de sentido.*

Deputar por disputar. Os *deputados* vem para Lisboa *deputar*. Uns homens estavam *deputando* por causa das obras da barra. Ouvido em Vianna do Castello a um marinheiro.

Ferrugem da chaminé por fuligem (felugem). Freqüente.

Premio de casas por predio. Vulgar na Extremadura.

Breloques por blocs. Ouvido nas obras do Porto de Leixões. Como os *blocs* se suspendem a correntes de ferro para serem lançados ao mar, não receio pôr o exemplo nesta classe.

d) *Derivados novos, palavras forjadas substituídas a outras em virtude de similitudes phoneticas com interpretação de sentido.*

Clarete por chloreto de cal, como se fosse um derivado de *claro*, porque o chloreto de cal serve para branquear, fazer *clara* a roupa. Muito vulgar em Lisboa.

Regalice do fr. *reglisse*, alcaçus, que, como doce, *regala*. Nos dicionarios da lingua.

Andorinha, do lat. *hirundo*, *-inis* ou talvez antes de *hirundinina*, como se fosse um derivado de *andar*. Fixado na lingua.

Santa Magestina por *Septuagesima* (Domingo de). Ouvido a gente da Beira.

Espantera por *panthera*, como se derivasse de *espantar* e significasse o animal que espanta. Ouvido varias vezes ¹.

Mal-feio por *morphea*. Muito frequente em diversos pontos.

Meninas eternas por *meninas internas* d'um collegio; as *meninas eternas* são as que estão sempre no collegio.

Todos esses exemplos representam a boa e verdadeira etymologia popular no sentido que primeiro Forstemann deu a essa expressão. Os exemplos d'esse genero colligido até hoje em portuguez pelos citados philologos, a snr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e o auctor d'estas linhas são ainda pouco numerosos (não attingem o numero de cem) para permittirem uma classificação psychologica como a que O. Weise esboça de modo ainda incompleto num bello artigo *Zur Charakteristik der Volksetymologie* ².

Por vezes a determinação d'exemplos de etymologia popular offerece difficuldades. O caso dá-se com *sargento* que designa na terminologia technica o mesmo instrumento d'apertar madeira que o cha-

¹ O nome de *panthera* foi assignalado para a etymologia popular. Do sanskrito *pandarika* (ad cacuminaes) fizeram os gregos (*panthēr*) como se fosse um composto de *pan* tudo e *thēr* animal; os allemães quizeram de novo ver o seu *tier* animal na palavra que lhes chegou pelo latim: no maa, ha *pan tier*. G. Curtius, G. E. 4 pag. 430; A. Vanicek, *Fremdwörter in Griechischen und Lateinischen*, pag. 41, O. Weise, art. cit. infra, pag. 212.

² *Zeitschrift für Völkerpsychologie und Sprachwissenschaft* herausgegeben von prof. Dr. M. Lazarus und prof. dr. H. Steinthal, XII, Bd. S. 203-223,

mado *cingente* e ainda outros instrumentos d'apertar. Nas officinas de tecelagem ha assim um *sargento d'apertar* differente do *cingente* propriamente dito. Ora aqui póde ser-se tentado a ver um simples caso de etymologia popular; mas em francez ha *sergent* num sentido similhante, que em verdade se pretendeu explicar tambem por etymologia popular. Eis o que a esse respeito diz Littré s. v.: «*Sergent*. . . Terme de menuiserie. Barre de fer ou de bois aplatie par un des bouts, et qui sert à tenir serrées les pièces de bois qu'on a collées et celles qu'on veut cheviller. On a pretendu que ce mot était une corruption de serre-joint; mais cela paraît une pure hypothèse, serre-joint ne se trouvant nulle part et sergent (le serviteur) étant tout à fait dans les habitudes du langage figuré des ouvriers; en preuve, le valet, instrument de fer qui maintient sur l'établi la planche à travailler.»

Sergento no sentido de *cingente* suggere tres hypotheses: 1.^a é uma etymologia popular portugueza; 2.^a originou-se em portuguez pelo mesmo processo sematologico a que Littré attribue o emprego indicado do fr. *sergent* (port. ant. *sergente* = lat. *servientem*); 3.^a veiu do francez, como muitos outros termos tecnologicos ¹.

Parece-me que a segunda hypothese é a mais accéitavel. *Cingente* poderia ser uma correccão primeiramente erudita, depois vulgarisada, de *sergente*, *sargento*. Temos tambem *moço* designando um instrumento similhante ao sargento.

Nas traducções de palavras estrangeiras, sobretudo francezas, ha ás vezes processos que lembram o da etymologia popular, comquanto não devam ser confundidos com este.

O fr. *entremets*, prato do meio, acha-se traduzido em livros de cozinha por *entremecio*, como se *mets* fosse o mesmo que *meio*.

O fr. *exploiter* é traduzido absurdamente por *explorar*, sendo aliás palavras de sentido e origem muito diversa. Os hispanhoes adoptaram para fugir à difficuldade o gallicismo *explotar*. *Desfructar* nem sempre póde traduzir *exploiter*.

Aurifrisio designa, segundo o volume unico do *Diccionario da Academia*, «certa ave grande, chamada commummente aguia marinha», isto é, a aguia pesqueira, brita-ossos ou xofrango ². Cita-se alli Fr. Bernardo de Brito *Chron. de Cister.* liv. iv, cap. 22: «Ha outras aves pouco menores que aguias, chamadas *aurifrisios*, que tem um pé brando e largo a modo de patos e accomodado pera nadar com elle, e outro armado com umas unhas mais cruéis e rompentes, que as das proprias aguias.»

«*Aurifrigia*, *Aurifrisia*, *Aurifrisum*. Fimbria aurea, limbus aureus, Gall. *Frangé d'or*.» Ducange s. v. Como é que uma palavra que

¹ Aos exemplos d'etymologia popular franceza que renni nas *Questões da Ling. port.* juntarei o seguinte colhido em Littré: *âne salé* alteração do nome do jogo inglez *Assault Sally*.

² E o *haliaetus nius* de Savigny, *falco ossifragus* de Gmelin.

significa etymologicamente e nos documentos medievaes *franja d'ouro* veio a designar a aguia pesqueira? Evidentemente, não por um processo popular, pois a expressão não é popular, mas por alguma monstruosidade erudita. Vejamos. Em francez o nome da aguia popular é *orfraie*, de **osfraie*, do lat. *ossifragus*, d'onde tambem o nosso *cofrango*. Os nossos eruditos, ou antes Fr. Bernardão de Brito, confundiram *orfraie* com *orfroi*, que é o reflexo francez do baixo latim *aurifrisium*, *aurifrisium*, e traduziram o primeiro termo por este, cuja etymologia por acaso conheceram.

Nas *Questões da ling. port.*, pag. 115-116, trasladei de J. Quicherat traducções latinas medievaes de nomes de logar francezes, que, comquanto em parte assentem sobre verdadeiras etymologias populares, não deviam todavia ser considerados senão como um processo erudito, aparentemente similar, mas realmente distincto da etymologia popular propriamente dita, e identico ao que nos manifesta *aurifrisio*. O exemplo alli extractado de Gil Vicente *indulgencia penaria* por *indulgencia preitaria* (*plenaria*), se não era popular, mas sim fabricado por aquelle escriptor por zombaria, deve ser riscado. Os snrs. J. Leite de Vasconcellos e J. Moreira, reuniram nos seus citados artigos 38 exemplos de alteração de palavras por similhaça ou mistura com outras em que a intenção de zombaria ou gracejo é evidente. Conheço muitos outros do mesmo genero; cada um de nós os fabrica com facilidade na conversação familiar. *Bacharel* torna-se *baixo e reles*, por esse processo, *Germano* — *Genero-humano*, etc. Esse genero não deve ser confundido com o da etymologia popular, apesar da sua relação externa com elle, e tem apenas um interesse muito secundario, porque não nos revela nenhuma das verdadeiras forças vivas da linguagem. E' elle e não o da verdadeira etymologia popular que deve ser posto ao lado dos *trocadilhos*, *charadas*, etc.

A critica das partes dos artigos dos snrs. J. Leite de Vasconcellos e J. Moreira consagradas a esse genero, em que o primeiro d'estes dois philologos crê apresentar uma novidade, estava préviamente feita por O. Weise ¹.

O snr. J. Leite de Vasconcellos viu bem que o que elle chama etymologias populares do primeiro grau se distingue claramente do que elle chama etymologias do segundo grau; o mesmo viu o snr. J. Mo-

¹ „Doch ehe wir weiter gehen, muss es zunächst unsere Aufgabe sein, das Gebiet der Volksetymologie etwas genauer abzugrenzen: Man ist im Laufe der Zeit soweit gegangen, unter diesen Begriff alle diejenigen Wörtererklärungsversuche zu subsumiren, in denen die ursprüngliche Bedeutung nicht auf dem Wege sprachgeschichtlicher Forschung eruiert wird, sondern der Wortklang die einzige Norm der Etymologie abgiebt, in denen daher alle, auch fremde Wörter, aus dem heimische Sprachschätze gedeutet werden. Mit Unrecht; denn von der Wahren Volksetymologie in dem Sinne wie sie Förstemann aufgefasst hat, als er diesen Namen erfand, ist sorgfältig zu trennen und fern zu halten, was durch spöttelnden volkswitz geschaffen worden ist oder den Schrullen grübelnder Gelehrter sein Dasein verdankt, also auf *absichtlicher Entstellung* oder künstlicher, unrichtiger

reira que estabelece egualmente duas secções. O primeiro diz que a segunda secção, a das verdadeiras etymologias populares «compreheende as palavras ou phrases em que o sentido se perden, em que a formação é, ou pelo menos se revela hoje, perfeitamente inconsciente». O sr. Leite quer dizer que nesse caso a representação da palavra alterada não está no espirito do que falla e que a substituição se deu inconscientemente. Isto é perfeitamente exacto, mas estabelece uma profunda linha de separação psychologica entre as etymologias verdadeiramente populares e as que o referido auctor chama do primeiro grau.

Esta critica dirige-se tambem em parte ao que eu escrevi em 1873 sobre etymologias populares, e a que já fiz acima algumas restricções. Nos exemplos como *filho da pucara*, *filho da curta*, para evitar uma palavra baixa, *seiscentos nabos* por *seiscentos diabos*, ha motivos ethicos e religiosos ¹, muito interessantes, e que nos revelam tambem forças vivas da linguagem popular, mas esses exemplos separam-se das verdadeiras etymologias populares, porque a representação das palavras alteradas existe no espirito d'aquelles que os empregam.

Conquanto de muito interesse para o conhecimento do espirito popular, as lendas etymologicas toponymicas, de que no citado artigo o sr. J. Leite de Vasconcellos dá alguns exemplos, devem ser separadas das etymologias populares, no sentido de Förstemann. Essas lendas não levam em regra á alteração dos nomes de logar e entra nellas um elemento de livre phantasia, constituindo um producto especial que se colloca ao lado das palavras; assim na explicação do nome de *Paranhos* ², que o povo das proximidades do Porto diz chamar-se assim porque os francezes *pararam* quando lá chegaram.

A etymologia popular é, como a define Steinthal ³, uma compre-

Deutung beruht. Daher in gleicher Weise die naiven Wortklärungsversuche der alten Grammatiker und die Grillen etymologisirender Mönche als die Wortspiele der Komiker und Satirenschreiber und die *Wortdrehungen* des alle Zeit schlagfertigen Soldatenwitzes von unserer Betrachtung ausgeschlossen bleiben müssen. Art. cit. pag. 207.

Hermann Paul *Principien der Sprachgeschichte* (1.^a ed.), pag. 120, depois de ter fallado de duas especies que distingue na etymologia popular, comprehendendo a primeira as modificações, por similhaça, das antigas palavras da lingua, e a segunda as modificações immediatas, tambem por similhaça, de palavras d'origem estranha, diz: «Ganz verschieden ist natürlich auch die absichtliche, witzige umdeutung».

¹ Sobre o momento ethico na linguagem vid. W. Wundt *Das Ethische in der Sprache* em *Deutsche Rundschau* 1889 (não tenho á mão o numero) e L. Tobler *Aesthetisches und Ethisches im Sprachgebrauch* em Steinthal's *Zeitschrift für Völkerpsychologie* vi, 385-428.

² *Paranhos* está por *Paramios*, forma que se acha em documentos e na Galiza, e que provem de *paramo*, *paramus*, empregado já numa inscripção hispanoromana. Vid. *Corpus inscript. lat.* II index, e cf. *Segontia Paramica* Ptol. II, 6, 50 e 66.

³ *Geschichte der Sprachwissenschaft bei den Griechen und Römern, mit besonders Rücksicht auf die Logik*. Berlin, 1863, 8.^o pag. 6.

hensão inconsciente pela influencia da analogia, em virtude das leis da appercepção ¹.

W. Wundt, que conserva á palavra *appercepção* não o sentido da escola d'Herbart, mas sim o que primeiro lhe deu Leibniz e que se liga á sua theoria da vontade, faz entrar a etymologia popular no processo que denomina *assimilação* e que classifica entre as associações simultaneas ², processo que os herbartianos chamam particularmente *appercepção*.

Examinemos rapidamente o processo da etymologia popular, abstrahindo aqui da questão da terminología e de qualquer theoria que ella possa implicar.

O sujeito S tem representação R mais ou menos complexa, segundo as leis da synthese associativa, da complicação, etc., do objecto O. Essa representação pôde reproduzir-se independentemente de nova percepção do objecto (memoria, reproducção em sentido estricto), e isto com maior ou menor energia, o que depende de diversas condições que não nos importa aqui expôr. Quando O vem produzir em S nova representação immediata R', R reproduz-se e funde-se com R'. Aqui podem dar-se varios casos: ou R' se apresenta como perfeitamente identico a R, ainda que no objecto O se tenha operado alguma modificação e então $R + R' = R$, ou uma differença é percebida, embora inconscientemente, e então $R + R' = R'$ ³; enfim da comparação, que muitas vezes é precedida do momento $R + R' = R$, chega-se á consciencia da differença D entre R e R'. Quando, por exemplo,

¹ Sobre a appercepção segundo os continuadores d'Herbart vid. Steinthal *Abriss der Sprachwissenschaft* 1, 166-263; Gustav Glogau, *Steinthal's psychologische Formeln zusammenhängend entwickelt*. Berlin 1876, 8.º pag. 25-55; Hermann Siebeck, *Das Wesen der ästhetischen Anschauung*, Berlin, 1875, 8.º pag. 29-57.

² «Eine Assimilation findet dann statt, wenn durch eine neu in das Bewusstsein eintretende Vorstellung, meist eine unmittelbare Sinnesvorstellung, eine frühere ihr ähnliche reproducirt wird, und wenn nun diese beiden Vorstellungen zu einer einzigen verschmelzen. Von den Reproductionsvorgang selbst nehmen wir in diesem Falle nichts wahr; wir schliessen auf ihn nur aus Vergleichung des unmittelbaren Sinneseindrucks mit der Vorstellung, die er in uns anregt.» *Logik*, 1, 15. «Die augenfälligsten objectiven Zeugnisse für die Assimilation der Vorstellungen bietet aber die Sprache dar.» pag. 16. «Auch die Aneignungen der Fremdwörter und die Volksetymologien sind im weiteren Sinne als solche Assimilationsprocesse zu betrachten; doch pflegt bei den ersteren, wie z. B. bei der Uebersetzung von fenestra in Fenster, vasculum in Flasche u. s. w., nicht sowohl eine bestimmte Vorstellung als das allgemeine Lautgefühl assimilirend zu wirken. Wo das fremde Wort ein bestimmtes Wort der eigenen Sprache reproducirt und nun dieses assimilirend gewirkt hat, wie z. B. bei der Uebersetzung des Sanskritwortes «markata» (Affe) in Meerkatze, da ist augenscheinlich die Aneignung aus einer Volksetymologie hervorgegangen bei welcher ausser der allgemeinen Lautverwandtschaft noch specielle associative Beziehungen der Vorstellungen wirksam waren», pag. 17.

³ Enquanto em a natureza os objectos O, O', O'' similares são distinctos ($O + O' + O'' + \dots$ exteriores uns aos outros), no espirito as representações similares $R + R' + R''$ fundem-se. A palavra *tudo*, por exemplo, apresenta-se no espirito com uma só representação, ainda que a ouçamos pronunciar a muitos indi-

re vemos uma pessoa, um logar, um objecto qualquer cuja representação se conservava mais ou menos fiel em o nosso espirito, dá-se um d'esses casos. Muitas vezes a fusão de $R + R'$ é o resultado de um trabalho mais ou menos consideravel, por exemplo, quando encontramos e não reconhecemos logo uma pessoa que deixamos de ver durante certo tempo e se acha mudada, ou uma pessoa cuja representação não se determinou claramente em o nosso espirito. Aqui ou a diferença entre R e R' é assaz consideravel para que os elementos de R' embarcem a reproducção de R , ou R não tem assaz energia para ser suscitada immediatamente. Outros momentos influem ainda; por exemplo uma representação R de O póde andar ligada a uma série d'outras representações $r + r' + \dots$ de $o + o' + \dots$, de modo que quando O nos apparece desligado de $o + o' + \dots$ não o reconhecemos. E' assim que muitas vezes não reconhecemos um individuo que encontramos fóra de meio em que o costumamos ver.

Eis agora outro caso. Um objecto novo O' em vez de produzir em S uma representação nova R independente faz reproduzir a representação d'um outro objecto O analogo a O' de modo que $R + R = R$. D'aqui resulta uma confusão. Isto dá-se, por exemplo quando comprimentamos ou fallamos a um desconhecido na convicção de que é uma pessoa que conhecemos. E' evidente que a confusão será tanto mais completa quanto maiores forem as analogias de O e O' .

Succede ainda que um objecto O já conhecido de nós é confundido com O , tambem conhecido, de modo que a representação de O apparece ante a de O ou vice-versa. O que escreve estas linhas observou mais d'uma vez em si este caso. Um dia em Lisboa, estando fatigado depois de uma conferencia, fallava ao dr. T., de Lisboa, na convicção de que se dirigia ao dr. P., do Porto. Tinha conhecido estes dois cavalheiros em Coimbra; pareceu-lhe sempre haver entre elles certa analogia de character; são ambos louros, etc.

O processo da etymologia popular é na essencia o mesmo que acabo de exemplificar nas suas variedades.

Assim a palavra *syphão*, nova para S , faz reproduzir nelle a palavra *cifrão*, se esta lhe é conhecida e se não emprega a necessaria energia para adquirir a palavra nova. A representação do grupo phonetico *syphão* póde chegar a apresentar-se em S , mas ser substituida por a representação *cifrão*, como por uma correccão espontanea, inconsciente, como se *syphão* fosse um erro. Quando além do puro som se complicam nas representações antigos elementos de significação, essas representações teem mais energia que as novas; tal é o caso com *clavete* por *chloreto* (*de cal*). Na maioria dos casos d'etymologia

viduos. Em cada um d'estes a producção do som *tudo* é uma série d'actos de phonação physicamente distinctos; como não ha na floresta duas folhas perfeitamente iguaes assim nunca em dois individuos a mesma palavra é produzida com identidade de logares d'articulação, d'intensidade, de timbre, etc.: o que ouve somma tudo numa só representação. Apenas o glottologo distingue um pouco onde o vulgar funde.

popular pôde afirmar-se que nunca em S a representação nova R chega a distinguir-se da representação já adquirida R. Os que dizem, por exemplo, *rua do Pedro-Sino* em vez de *rua do Patrocínio*, nunca, provavelmente, chegam a perceber *rua do Patrocínio* quando estes sons ferem o seu ouvido. A varias pessoas tenho ouvido chamar *conselheiro* ao meu collega Pedroso; ora essas pessoas nunca perceberam o nome d'elle como *Consiglieri Pedroso*. E' certo todavia que a representação d'uma palavra pôde existir algum tempo em S e ser substituida depois por uma analogia, por menor grau d'energia de reproducção na primeira. Em todos nós se dá o caso de não nos lembrarmos bem de certas palavras, reproduzindo outras por ellas, de confundirmos nomes d'auctores, etc.: esses casos são similares. Quão diverso é o das substituições por gracejo em que a fôrma substituida fica ao lado da que se lhe substitue conscientemente, como no caso de *substitrito* por *substituto*, etc.

Como se vê, a distincção entre duas especies de etymologia popular feita por Hermann Paul, de que acima dei conta, é de pouca importancia; porque ha a distinguir, não o caso em que a palavra alterada ou substituida por outra por etymologia popular existia já na lingua d'aquelle em que ella é um termo extranho, mas sim o caso em que o termo existia já na linguagem individual d'aquelle em que elle não existia. De facto que importa que uma palavra exista ha muito na lingua, se ella se apresenta sempre ao individuo, cedo ou tarde, como cousa nova, extranha ao seu vocabulario já adquirido?

Do que fica dito resulta não ser rigoroso o modo de dizer — alteração d'uma palavra por etymologia popular, pois neste processo o que ha é fusão, substituição de representações. Nesse processo psychico ha que notar a influencia dos seguintes momentos:

1.º a tendencia para o menor esforço; a formula — nada esquecer, nada aprender, — não representa só o espirito do *Philister*, como com ella faz Steinthal; é infelizmente a formula do espirito popular;

2.º a noção mais ou menos presente ao espirito popular da correlação das palavras, de que ellas não são simples sons vazios e a tendencia que d'ahi resulta para os interpretar;

3.º a noção, tambem mais ou menos presente ao espirito popular, de que ha palavras que teem significações muito diversas, noção por assim dizer latente que faz, por exemplo, não parecer extranho que *escapula*, além de designar uma peça de ferro conhecida, designe tambem um pequeno vaso hemispherico, um certo producto pharmaceutico.

O estudo da etymologia popular não entra como secção no da semiologia ou melhor sematologia. Esta occupa-se da significação das palavras e suas variações, buscando descobrir as leis a que essas variações estão sujeitas. A etymologia popular entra no dominio da phonetica, pois estuda as mudanças de som produzidas por analogia,

portanto uma série importante d'exceptões ás leis phoneticas ¹. Psychologicamente ha tambem grande differença entre o processo da etymologia popular e o da mudança de significação. Wundt, que como vimos colloca o primeiro na assimilação, portanto entre as associações simultaneas, classifica o segundo entre as fusões apperceptivas das representações ². A exposição do ultimo processo por aquelle philosopho patenteia claramente quanto elle diverge do primeiro.

A interpretação dos gritos d'animaes, de que no seu artigo o sur. J. Leite de Vasconcellos dá alguns exemplos como *tem-te lá!* pelo grito do sapo, é em geral um puro jogo, e como tal a acolhi nos meus *Jogos e rimas infantis*, á maneira do que tinham feito Rochholz e outros; d'outro lado approxima-se das lendas etymologicas. E' mister em todo o caso separa-las da etymologia popular e reuni-los a outros productos da phantasia e do bom humor, como certas interpretações do latim feitas pelos rapazes, etc.

Um processo que offerece intimas relações com o da etymologia popular é o da onomatopeia. Occupar-me-hei d'elle num futuro artigo, assim como noutra d'uma especie de etymologia popular de que até hoje não se fallou entre nós. Nessa especie não ha alteração phonetica: palavras, que se assemelham no som, são assimiladas na significação, consideradas como etymologicamente affins, por exemplo *gozo*, raça canina (cat. *gos*, hesp. *gozque*), figura-se connexo com *gozar*, como se fosse *cão de gozo*; *conchavar* (lat. *conclavare*) figura-se connexo com *concha*. Essa especie de falsa etymologia ou é espontanea, simplesmente sentida e então verdadeiramente popular, ou reflectida e então erudita e dá logar a um sem numero d'erros de que os dictionarios estão cheios. O famoso *sol* quia *solus* entra nessa categoria.

Termino aqui, comquanto tenha que omitir muitas outras observações que o assumpto suggere.

F. ADOLPHO COELHO.

¹ Nas proprias leis phoneticas ha influencia da analogia, como mostra H. Schuchardt *Ueber die Lautgesetze*, Berlin, 1885, 8.º

² *Logik* 1, 34.